

USP DEMOCRÁTICA

Antes de tudo, por uma Estatuinte

Lançamento da Campanha de Democratização faz retrospectiva da USP e enfatiza a necessidade de novos projetos de universidade

Natália Guerrero
Tadeu Breda

"Seria preciso instituir um mínimo de espírito republicano na universidade." É com esse encaminhamento que o professor da faculdade de direito Fábio Konder Comparato dá início à sua fala e também ao evento de lançamento da campanha pela democratização da USP. Organizado por Adusp, Sintusp, DCE Livre Alexandre Vannucchi Leme e pela Associação de Pós-Graduandos (APG), o evento ocorreu no dia 8 de junho, no auditório do Departamento de História da USP.

Entre os presentes, além de representantes das entidades organizadoras, estavam Fábio Konder Comparato; a professora Maria Vitória Benevides, da Faculdade de Educação; o professor e sociólogo Francisco de Oliveira; e ainda Wlana Panizzi, ex-reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Algumas proposições, enfoques diferenciados e poucas divergências constituíram os argumentos dos convidados, que ressaltaram a premente necessidade de maior representação na universidade, representação possível por meio de eleições paritárias para os cargos de reitor, diretores e chefes de departamento, bem como de uma estatuinte que ponha em discussão projetos alternativos de universidade.

Elites e mais elites

Lembrando que "as raízes e origens do poder pouco ou nada têm a ver com o mérito", Américo Kerr, presidente da Adusp, evocou as origens do atual Estatuto da USP, bem como sua fundação pela elite oligárquica dos anos 30 e sua passagem pelo período sombrio da ditadura militar. Apesar do Estatuto ter sido revisado após a redemocratização, em 1988, algumas estruturas se mantêm.

Pelo mesmo caminho, a professora Maria Benevides questionou os mecanismos que mantêm "as mesmas pessoas 'no mando' durante décadas", exemplificando por meio da formação do Conselho Universitário (Co). O órgão, que tem autoridade e autonomia máximas dentro da universidade, com a função de estabelecer as políticas gerais de normas e planejamento, conta hoje com aproximadamente cem membros, dos quais 12 alunos e 3 funcionários.

Com quem e para quem?

O diálogo entre universidade e sociedade permeou a maioria das colocações. Constituiu interessante contraponto o discurso de Panizzi. Ainda que com a experiência de uma reitoria no currículo, a professora destacou que "a verdadeira autonomia é aquela que se cola a um projeto coletivo maior de sociedade".

Francisco de Oliveira também defendeu o não-isolamento por parte da universidade, lamentando que, hoje em dia, ela "não está mais no imaginário popular". E alerta: "nenhum movimento pela democratização da universidade vai conseguir, se não reatar sua ligação visceral com a sociedade".

Estatuto da USP

Informações sobre o estatuto e regimentos da USP, além de todas as resoluções e portarias, desde o decreto de fundação da Universidade, em 1934, podem ser encontrados no endereço: <http://leginf.uspnet.usp.br/>



Mesa de lançamento da campanha pela democratização da USP, unindo membros do Sintusp, Adusp e DCE

'Partidarização' surgiria com diretas

Tadeu Breda

Para aqueles que defendem a atual estrutura de poder da USP, um conselho com voto paritário e o advento das eleições diretas para reitor iriam enterrar a meritocracia acadêmica e trazer para dentro da universidade um jogo partidário semelhante ao que se observa na sociedade - em que os benefícios políticos advêm de posições ideológicas, e não do mérito.

O professor da FEA Jacques Marcovitch é um dos que mais argumentam contra a democratização dos processos de escolha dentro da universidade.

Seu interesse pelo tema expressa-se num estudo que o próprio realizou quando ocupava a Reitoria da USP (1997-2001). Na ocasião, Marcovitch observou que nenhuma das 27 melhores universidades do mundo utiliza-se de eleições diretas para reitor ou mostra-se favorável a esse tipo de escolha.

Reitores no governo

Quando se aborda a possível 'partidarização' da universidade caso sejam adotadas eleições diretas, um fato curioso é que alguns ex-reitores ocuparam secretarias de estado. Assim aconteceu, por

exemplo, com José Goldenberg, Reitor da USP entre 1986 e 1989, ele atualmente ocupa a secretaria de estado do Meio Ambiente. Marcovitch já esteve também no governo Alckmin como secretário de Economia e Planejamento.

Para o ex-reitor, no entanto, fazer parte do primeiro escalão de governos estaduais não remete necessariamente a uma 'partidarização' da universidade. "As pessoas que ocuparam cargos públicos de confiança foram convidadas para servir o estado e a sociedade devido ao reconhecimento que adquiriram na vida acadêmica."



Wlana Panizzi, ex-reitora da UFRGS, apresenta a situação da federal